

Para concluir e completar o seu projeto, o autor não se contenta com um fecho teórico para o seu tema, mas apresenta exemplos práticos de aplicação hermenêutica de textos bíblicos.

Essa abordagem do tema é original em seu contexto de origem e única no contexto para o qual foi traduzida. A

perspectiva apropriada ao tema, a profundidade e a riqueza da abordagem conferem a essa obra seu atrativo e a tornam relevante para a discussão hermenêutica bíblica também em nosso contexto.

Nélio Schneider [tradutor da obra]

Recensão do livro *Brasil: outros 500 : protestantismo e a resistência indígena, negra e popular*, de vários/as autores/as.

(São Leopoldo : COMIN, IEPPG e Editora Sinodal, 1999. 212 p.)

Este livro reúne 13 palestras que foram proferidas no seminário sob o tema: Brasil: Outros 500 – Protestantismo e a Resistência Indígena, Negra e Popular, organizado pelo Conselho de Missão entre Índios (COMIN) da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), nos dias 11 a 14 de agosto de 1999, com o apoio do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia da IECLB, do Departamento Nacional para Assuntos da Juventude e do Departamento de Catequese da IECLB. À semelhança do seminário, o livro é um convite para que, “debruçando-nos com tais reflexões sobre o passado, além de trazer à tona fatos soterrados e esquecidos, saberemos definir melhor nossa missão no presente e vislumbrar o rumo da caminhada para ‘outros 500’” (pastor presidente Huberto Kirchheim na Apresentação).

Os 13 trabalhos apresentados nesse seminário refletem as recentes pesquisas sobre a história de resistência dos povos indígenas, das populações negras e do movimento popular, com maior ênfase na resistência dos povos indígenas. Outro destaque a mencionar: a totalida-

de dos pesquisadores estão sintonizados na busca por uma leitura da história a partir daqueles segmentos da população brasileira que aparecem ofuscados nos relatos da história oficial. Este esforço empreendido pelos autores e autoras deste livro acrescenta um toque de ineditismo, atizando os leitores a um processo de reflexão em torno de temas como preconceito racial, participação social, engajamento eclesial, missão e evangelização entre não-cristãos. Cabe ainda destacar que em todos os textos o leitor e a leitora irão se deparar com a relação entre fé e cultura e que, na maioria das situações, o confronto prevaleceu em lugar do encontro. E esta constatação produz sadia inquietude e promove uma avaliação crítica da atuação da Igreja junto aos segmentos sociais que se encontram na periferia da sociedade. A Igreja é desafiada a refletir com sobriedade e coragem sobre sua presença e atuação nos tempos de hoje, buscando tirar lições de fatos e acontecimentos que fazem parte de sua história.

Alguns desafios lançados pelos autores e autoras não perderão sua atualidade tão cedo, como postula Graciela

Chamorro, ao final de sua palestra: “O cristianismo precisa, pois, passar pela saudável experiência de reformular sua cosmologia, de deslocar sua atenção do antropológico para o cosmológico, e de reconhecer que nas suas religiões os indígenas são sujeitos de fé e de fala.” Não menos desafiador fica o apelo de Oneide Bobsin: “Protestantes do mundo inteiro, uni-vos entre vós e com tantos outros contra toda a força, estrutura ou realidade que toma o lugar de Deus, excluindo da vida bilhões de pessoas.”

Quando hoje queremos falar dos inícios do protestantismo brasileiro somos

chamados a entoar um canto de contrição, ao invés de um canto de louvação. Os textos publicados neste livro animam “para que mentalidades sejam renovadas e o amor reconciliador de Deus possa ser praticado sem discriminações”, conforme Clede Markus ao finalizar sua palestra. Podemos sintetizar as 13 palestras em quatro palavras-chaves: memória, resistência, compromisso e esperança.

João Artur Müller da Silva